

DIACONIA  
DO  
ACOLHIMENTO

## **Coleção CELEBRAR A FÉ E A VIDA**

---

**Coordenação: Pe. Gregório Lutz**

- *Diaconia do acolhimento*, Jerônimo Gasques
- *Preparando passo a passo a celebração*, Luiz Eduardo Pinheiro Baronto
- *O que é liturgia?*, Gregório Lutz
- *Liturgia, de coração: espiritualidade da celebração*, Ione Buyst
- *Os elementos fundamentais do espaço litúrgico para a celebração da missa*, José Ariovaldo da Silva
- *A iconografia na Igreja católica*, Almir Flávio Scomparim
- *Eucaristia: a família de Deus em festa*, Gregório Lutz
- *História geral da liturgia: das origens até o Concílio Vaticano II*, Gregório Lutz (org.)

PE. JERÔNIMO GASQUES

# DIACONIA DO ACOLHIMENTO

Desafio à liturgia e à pastoral na cidade



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Sílvia Ribas*

Coordenação da revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Jennifer Souza Almeida Ferraz*

Capa e diagramação: *Elisa Zuigeber*

Imagem da capa: *iStock*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**  
Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

2ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-092-4

“Importância especial seja dada ao acolhimento às pessoas. A pessoa precisa ser acolhida na comunidade, com abertura e sensibilidade. A atitude de amizade e de acolhimento acentua a valorização da pessoa”  
(Diretrizes 54, n. 266-269).

“...desse acolhimento, brota o compromisso pela edificação do Reino neste mundo”  
(Diretrizes 109, n. 14).



# INTRODUÇÃO

*“Um dos desafios mais relevantes é, sem dúvida, a cultura urbana, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano. Isso acontece não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando rincões mais distantes, com todas as consequências” (DGAE 109, n. 28).*

Pelo título deste livro, já podemos ter, ao menos, uma ideia do conteúdo que vem pela frente. Vamos nos propor a um desafio. Esperamos que o leitor, atento, possa trabalhar conosco essas ideias que nasceram de várias observações e contextos diferentes, tanto na liturgia quanto na prática de pastoral comunitária.

Nosso principal alvo de atenção é o mundo urbano com seus desafios à pastoral e à liturgia. Ao se pensar na pastoral

urbana, tem-se que pensar na salvação da cidade. A Igreja atual é chamada a olhar a cidade como local da sua missão, percebê-la como casa daqueles por quem Jesus morreu para promover a vida.

Vamos eliminar alguns obstáculos antes de entrarmos na reflexão propriamente dita. É importante informar que o autor passou por várias paróquias desde a primeira edição deste livro, revisto e adaptado várias vezes, observando circunstâncias e locais diversos.

O livro não tratará sobre aspectos de uma metodologia teológica e litúrgica de forma rígida (científica). Vamos ter a paciência de fazer uma “teologia” e uma meditação litúrgica mais suave. Parece-nos que esse é um caminho viável, em particular, para os agentes de pastoral que, mormente, não são padres ou religiosas!

A opção desse caminho poderá ser observada ao longo desta leitura. Pretendemos chamar a atenção do leitor sobre o tema do *acolhimento*, que está em pauta e em falta tanto em forma de escrito como de prática pastoral. Fala-se muito, inclusive, em “ministério da acolhida”, como que querendo acrescentar mais um ministério.

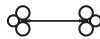
Perguntamos: Seria este o caminho? Resolvem-se os problemas da comunidade litúrgica instituindo-se ministérios? O que está por detrás de uma comunidade que não acolhe os seus membros? Qual o sentido e a razão de se acolher as pessoas?

Enquadrar-se como espaço onde o ser humano tenha acolhida e força motivadora para a conquista de sua cidadania e vida plena, garantida por Jesus Cristo, certamente, coloca-se como desafios para a pastoral da acolhida.



O padre José Antônio Pagola escreveu: “Certamente, falta-nos muito amor no mundo atual, e não sabemos atingir o coração do homem e da mulher de hoje. Não basta pregar sermões do altar. Precisamos aprender a escutar, acolher, curar as feridas dos que sofrem... Só assim encontraremos palavras humildes e boas que nos aproximem desse Jesus, cuja ternura insondável nos propõe um contato com Deus, o Pai bom de todos” (*Portadores do Evangelho*).

Enfim, mais à frente, concluiremos melhor!



Vamos a uma primeira referência. O que o dicionário diz sobre a palavra *acolhimento*: “Ato ou efeito de acolher; recepção; atenção, consideração; refúgio, abrigo; agasalho; hospedar; receber; atender; dar ouvidos a; tomar em consideração” (*Dicionário Aurélio*, verbetes acolher e acolhimento).

Vimos uma gama enorme de palavras que estão fincadas em um só rumo: acolher. A variedade de expressões vai nos dando a ideia de que acolher é algo muito mais amplo do que, por vezes, estamos pensando (sobre a expressão). O importante é fazer o grupo, a comunidade e, individualmente, refletir sobre essa palavra um tanto quanto mágica. Mágica não no sentido telúrico, mas no sentido psicológico de opção de vida comunitária, que dá sentido, ânimo e coragem para que as pessoas, que nos procuram, possam se sentir em casa.

As *Diretrizes da Igreja* de número 109 (2019-2023) chamam atenção a essa comunidade. Ali se reportam ao ambiente de casa como lugar próprio e indicativo de referência litúrgica e pastoral. As pessoas devem ser acolhidas como se fossem participantes e membros da “casa”, que

é a Igreja no sentido amplo da palavra. Essa “casa” é sustentada por quatro pilares: a Palavra, o pão, a caridade e a missão (*idem*, n. 8).

Uma comunidade que não acolhe bem as pessoas é como uma família desarrumada, desorganizada, onde a educação ainda não se firmou. Acreditamos, inclusive, que o acolhimento, na comunidade, é sinônimo de “sobrevivência” da liturgia e da pastoral. Essa sobrevivência não tira ou acrescenta mérito algum; é uma necessidade urgente. Acontece que há comunidades litúrgicas e de pastorais tão quebradas e ultrapassadas que não sobreviverão à crise! Claro que há certo exagero nessas afirmações (antes que alguém nos recrimine).

A prática do acolhimento exige persistência. É algo que deve acontecer agora e sempre. Não basta fazer um bom acolhimento de vez em quando na comunidade. No livro, vamos retratar algumas formas de experiência que realizamos ao longo dos anos e outras que virão com sugestões alusivas.

O mundo urbano (a cultura urbana) está a exigir urgência. Por um tempo, deixamos passar de lado como se fosse secundária, mas as Diretrizes vieram reforçar esse aspecto de pastoral e indicar o acolhimento como um verdadeiro exercício de diaconia na comunidade.<sup>1</sup>

Vamos buscar, neste momento, na Palavra de Deus, algumas inspirações para darmos as primeiras noções como visão de panorama, de otimismo e de carência. A Palavra de Deus nos irá – sempre – orientando os caminhos mais declivosos.

---

<sup>1</sup> *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2019-2023), documento da CNBB 109; 57ª Assembleia Geral; Aparecida, de 1º a 10 de maio de 2019, texto aprovado em 6 de maio de 2019. Com o objetivo geral: “Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano...”. Vamos apreciar, ainda, as *Diretrizes* do final da década de noventa (1995-1998), como promotora da reflexão sobre o acolhimento na Igreja (*Diretrizes* 54). Foi o tempo áureo dessa reflexão e proposta; trouxe inúmeras luzes para a pastoral.

Voltemos ao ano de 538 a.C., quando os judeus voltaram do exílio da Babilônia. A situação de Judá e de Jerusalém era deplorável; cada um procurando se defender sozinho, sem nenhum interesse pela unidade que lhe desse a característica de povo.

Assim diz Javé dos exércitos: esse povo anda dizendo que ainda não chegou a hora de reconstruir o templo de Javé. E a palavra de Javé veio por meio do profeta Ageu: Então vocês acham que é tempo de habitar tranquilos em casas bem cobertas, enquanto o templo está em ruínas?... Reflitam bem o caminho de vocês. Vocês estão plantando muito e colhendo pouco; comem e não ficam satisfeitos. Bebem e não ficam embriagados. Vestem roupas, mas não esquentam o corpo. E o trabalhador está guardando o seu salário numa sacola furada... Subam à montanha para cortar madeira e construir o templo. Eu vou gostar dele e nele manifestarei a minha glória... Porque meu templo está em ruínas, enquanto cada um de vocês se preocupa com sua própria casa... (Ag 1,2-10) (*Nova Bíblia Pastoral*).

Qual era o perigo que enfrentavam? O perigo era o esfacelamento; cada um para si. Sem interesse de acolher o diferente e oportuno, a comunidade não progride.

Podemos recordar a história de Francisco de Assis, no motivo que animou a sua conversão ao ouvir a voz do crucifixo em São Damião: “Francisco, reconstrua a minha Igreja”. A comunidade, por vezes, é tomada de um desânimo muito grande. Essa “gangrena” vai contaminando o otimismo; a profecia da comunidade vai se esfriando.

O povo vai se sentindo enfraquecido e a liturgia vai perdendo a sua vibração; as equipes de liturgia não dão mais nada de si; tudo se torna monotonia.

O povo vai às missas desanimado, desmotivado. Ali – também, por vezes –, encontra um padre “meio” desiludido com todo esse marasmo, esfacelamento da sociedade como um todo, que acaba afetando a liturgia e a pastoral.

Talvez, por essa razão de desarmonia, estamos contemplando tantos exageros na liturgia. Muitos, para se sentir diferente, começam a “inventar” modos novos para celebrar, deixando de lado a harmonia, o acolhimento e a vivência da Palavra na “casa do pão”.

Diante de toda a crueldade que vemos e sentimos não há, contudo, razão para nos desesperar. O processo é pôr-se a caminho. Encontrar formas novas e alternativas para deixar acontecer o Reino. Chega o momento, e é agora, de se alcançar a “Terra Prometida onde corre leite e mel”. Não é um caminho fácil ou qualquer. Assim, nos encontramos com a Palavra de Deus que nos fala por Moisés: “Mande alguns homens para explorar a terra de Canaã, que vou dar aos filhos de Israel” (Nm 13,2).

E assim foi feito. Subam pelo deserto de Negueb e subam à montanha. Observem como é a terra e seus habitantes, se são fortes ou fracos, poucos ou numerosos. Vejam se a terra é boa ou ruim; como é que são as cidades onde moram, se são abertas ou fortificadas. Vejam se a terra é fértil ou estéril, se tem árvores ou não. Sejam corajosos e tragam frutos da terra” (Nm 13,17-20).

Assim, animados por Moisés, começaram os trabalhos. O povo acreditou nas palavras de Moisés e de

Aarão. Todo o capítulo 13 de Números nos dá a ideia de que é necessário “ser forte” para vencer os obstáculos. Desprezar e denegrir o ideal de uma excelente pastoral e de uma liturgia bem animada não pode ser a bandeira de um grupo de agentes de pastoral. Muitos fogem da luta e da urgente necessidade de se começar “tudo” de novo, com “novo ardor missionário”, com novo método, novo conteúdo e nova dinâmica para cativar aqueles que, porventura, aparecem em certas ocasiões nas celebrações ou à procura de um atendimento pastoral.

É nesse momento que precisamos estar com os agentes bem afinados e preparados para a missão, para a tarefa na comunidade. Criar, com isso, “lares de comunhão”; “é aprender a se sentir unidos aos outros mais além dos vínculos utilitários ou funcionais, unidos de tal maneira que sintamos a vida um pouco mais humana” (DGAE 109, n. 5).

O acolhimento se faz muitíssimo necessário. O povo deve se sentir muito bem na igreja e no atendimento à pastoral. O acolhimento nos dá a impressão – sem falsa humildade – de que esta comunidade é coesa, e existe harmonia no trato com as pessoas.

Esse trabalho de acolher as pessoas, aparentemente, parece fácil, mas, na realidade, não o é de todo. É uma diaconia que exige constância e perseverança de um grupo que se faça presente em todas as celebrações, em todos os domingos do mês e do ano em curso. Para isso, há necessidade de organização pastoral.

Não menos importante é o atendimento acolhedor às pessoas que nos procuram para fazer um “curso” (encontro) na comunidade, por ocasião do batismo, do matrimônio etc. São pequenos detalhes que fazem grande diferença no tratamento pastoral e litúrgico da comunidade. Existe

uma visão de pastoral do cuidado por detrás desses gestos pequenos de entregar o folheto da liturgia, do canto, do significativo gesto de um “bom-dia”, de um “boa-tarde” de um “boa-noite” etc. Um sorriso não custa muito. Custa menos que uma cara “séria” que não cativa e não deixa as pessoas à vontade ao adentrarem uma igreja, por ocasião de uma liturgia...

Explorar o senso de humor e da recepção amável às pessoas que nos procuram parece custar tão pouco! No entanto, a realidade é bem outra. Isso custa muito para a grande maioria das comunidades. As comunidades foram acostumadas a aparentar aquele ar de “sérias” e de “sisudas”.

A maioria parece que vai para o “sacrifício” da cruz, de forma dolorosa. Não é essa a realidade da liturgia e, mesmo, da Igreja como um todo. A liturgia deve expressar uma alegria festiva e convidativa para a celebração do Ressuscitado. É provável que a grande maioria do povo ainda não se encontrou com o Ressuscitado! Vive aquela dolorosa e dilacerante Sexta-feira da Paixão interminável... “Ele não está aqui! Ressuscitou!” (Lc 24,6).



Por aí iremos trabalhando nosso livro. Vejamos o seu conteúdo de forma resumida.

Nosso livro tem sete pequenos capítulos e, para dar mais coesão à compreensão do texto na sua totalidade, os dividiremos em subtítulos. No *primeiro capítulo*, falaremos sobre a diaconia do acolhimento. Não queremos fazer compreender a “diaconia” como ministério propriamente dito. Isso explica que o livro não falará sobre os ministérios na Igreja. Alongaremos a reflexão passando a limpo

o sentido de acolher; a pastoral de massa; a Igreja como lugar da casa de acolhimento e algumas ideias sobre uma equipe de acolhedores.

No *segundo capítulo*, vamos entender o acolhimento na comunidade, passando a limpo algumas ideias sobre Qualidade Total; o acolhimento para se poder evangelizar com “ardor missionário” e o aprendizado com as demais denominações religiosas que o fazem de forma exemplar.

No *terceiro capítulo*, vamos olhar Jesus de Nazaré e a sua forma de acolher as pessoas. Será um pequeno capítulo, mas ele nos dará “dicas” que serão a força e a razão de nosso texto.

O *quarto capítulo* será dedicado à prática do acolhimento na pastoral. Vamos voltar a nossa atenção à cidade com seus desafios e alguns modelos de acolhimento comunitário, que servirão de suporte para se preparar os encontros do batismo, do matrimônio etc. Nesse capítulo, nós vamos falar sobre alguns medos que certas pessoas das comunidades têm ao se pensar em uma “missa bonita”.

O *quinto capítulo* será uma espécie de conclusão, enfocando algumas estratégias para o crescimento da Igreja.

No *sexto capítulo*, vamos refletir, de forma resumida, a instigante “cultura *coaching*”, bastante presente em muitos agentes de pastoral.

E, por fim, no *sétimo capítulo*, vamos anotar os “pilares do acolhimento” como próprios de uma forma diferente da visão de acolher; acolher em determinadas situações.

Enfim, vamos nos ater a algumas experiências, realizadas ao longo desses anos, de atenção ao atendimento e ao acolhimento na comunidade. Não queremos ponderar as experiências como válidas para todas as comunidades. Modelos serão sempre modelos, e eles servem de moldura

para os demais quadros. Cada comunidade tem a sua realidade que, por vezes, difere das demais. Na sua essência, todas as comunidades são iguais! Os problemas, os medos, as dificuldades, enfim, são diferentes.

Fundamentalmente, nosso intuito é passar uma imagem agradável e bela de uma possibilidade de se fazer o melhor possível para “amimar” as pessoas que nos visitam por ocasião de um batismo, de uma missa, de uma primeira comunhão etc.

Seria errado pensar assim?

Seria impossível agir dessa maneira?

Muitos poderão estar pensando que este livro será mais um pacote. Não. Com certeza, você irá gostar de ler essas páginas e ficar mais empolgado e otimista com a possibilidade de acolher bem as pessoas que nos procuram. As pessoas estão ansiosas por um bom acolhimento. Basta de ser maltratado em certas repartições públicas!

Estamos em pleno terceiro milênio. Então, não seria muito bom que as pessoas das comunidades comessem a se sentir mais em casa quando adentrarem em nossas igrejas? Pesquisas afirmam que as pessoas abandonaram a Igreja porque não foram bem acolhidas ou também porque não se sentiram importantes ao visitarem “tal” comunidade paroquial.

Uma equipe bem preparada para o acolhimento, na comunidade, irá oxigenar melhor as nossas celebrações. É claro que o celebrante – também – deverá mudar um montão de coisas, de comportamento, por exemplo. Aqui, talvez, possa residir o primeiro obstáculo para se começar o trabalho na comunidade. Não seria, todavia, necessária uma série de comportamentos desajustados em algumas liturgias como as que se propagam pelas redes sociais.



Esperamos que o nosso livro sirva de inspiração às equipes de liturgia, aos agentes de pastoral (de todas as pastorais e movimentos) e aos seminaristas, para começarem a repensar a sua maneira de ser padre, às religiosas, enfim, a todos aqueles que se interessem pelo acolhimento na comunidade.

A essa altura, podemos pensar nos catequistas, no acolhimento às crianças da catequese etc. Não podemos deixar de pensar nas secretárias(os) paroquiais, para que acolham com mais ternura as pessoas que procuram a secretaria para uma informação etc.

Esperamos que você encontre, neste livro, uma inspiração para viver melhor a sua fé na comunidade. No rebulição da cidade, o acolhimento é, apenas, necessário. Uma “Igreja em saída” tem que encontrar uma forma de se reinventar...

O bom pastor acolhe as suas ovelhas...



# 1

## **DIACONIA DO ACOLHIMENTO**

*As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1995-1998) afirmavam que*

[...] especial importância merece a pastoral urbana, com a criação de estruturas eclesiais novas que, sem desconhecer a validade da paróquia renovada, permitam que se enfrente a problemática apresentada pelas enormes concentrações humanas de hoje. As divisões entre as paróquias devem ser flexibilizadas, colocando o bem do povo acima de uma concepção territorial estreita e inadequada à realidade da cidade grande. Equipes pastorais podem servir mais eficazmente áreas urbanas compostas por várias comunidades” (DGAE 54, n. 231).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Essas são as Diretrizes referente aos anos 1995-1998. Aprovadas por unanimidade pela 33ª Assembleia da CNBB, de 10 a 19 de maio de 1995. Nesse ano, houve uma renovação no enunciado, chamando por: *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora*. Foi um pedido de adequação da *Redemptoris Missio*. Na ocasião, o episcopado se deparava com três grandes desafios: o secularismo, o devastador flagelo da pobreza e o pluralismo religioso. As Diretrizes se situavam no auge da preparação para o terceiro milênio e da celebração do jubileu do ano 2000.

Por aqui, já podemos ir deferindo alguns elementos para o nosso intento. As Diretrizes continuavam dizendo que

[...] a paróquia busque adequar-se às mudanças de nosso tempo. Ela não é, principalmente, uma estrutura, um território, um edifício, mas é, sobretudo, uma família de Deus e comunidade de fiéis. A paróquia constitui uma referência fundamental pela sua identidade teológica, pois ela é uma comunidade eucarística. Na eucaristia, está a raiz viva de sua edificação e o vínculo sacramental de sua comunhão com toda a Igreja, que a torna referência privilegiada para comunidades menores, movimentos e pastorais (*idem*, n. 279).

Naquela época, já se acentuava a necessidade do acolhimento. “Importância especial seja dada ao acolhimento às pessoas. Para isso, algumas medidas podem ser postas em prática: ‘ministério da acolhida’, pastoral da visitação, visita às famílias que chegam; visitas domiciliares marcadas pela alegria, pela tristeza; postura acolhedora, alegre e disponível, por parte dos presbíteros e demais agentes de pastoral” (*idem*, n. 266).

Continuando a reflexão sobre a realidade de nossas paróquias, em especial nas cidades grandes, afirma-se que “os leigos podem e devem fazer muitíssimo para o crescimento de uma autêntica comunhão eclesial, no seio de suas paróquias, e para o despertar do impulso missionário em ordem aos não crentes e, mesmo, aos crentes que tenham abandonado ou arrefecido a prática da vida cristã” (*idem*, n. 281).

Nessas últimas décadas, as Diretrizes mudaram fundamentalmente de foco. Já se fundiram várias diretrizes. Hoje,